

O AUTOR DO LIVRO (NÃO) SOU EU BUDAPESTE. CHICO BUARQUE. [SÃO

[...] *literatura, [...] das artes a única que não precisa se*
exibir.

Tecnicamente, *Budapeste* é um romance do duplo, tema clássico na literatura ocidental desde que a identidade do sujeito se tornou problema e enigma. A questão desfila nas narrativas do século XIX, através dos motivos da sombra, do sócia, da máscara, do espelho, e evolui para a indagação dessa esfinge impenetrável e desencantada que é a própria pessoa como *persona* e ninguém. Na criação literária, no entanto, o escritor é o duplo de si mesmo, por excelência e por definição, aquele que se inventa como outro e que escreve, por um outro, a própria obra. Literatura é uma alteração da identidade, uma questão de *outridade*. Borges consagrou-se ele mesmo como personagem e autor da condição do duplo (“Borges e eu”). Henry James, na sua novela *A vida privada*, fala de um escritor célebre que exhibe em efígie, nos salões, a sua mundanidade fútil, ao mesmo tempo em que um outro secreto, recolhido ao quarto, escreve por ele a sua obra profunda. Abre-se um fosso entre a imagem pública e o trabalho literalmente obscuro de escrever. Um anônimo radical é a outra face do medalhão. Quem leva a fama?

Tudo isso serve — e não serve — para se falar de Bu-

dapeste. Chico Buarque teceu uma variação inusitada (poderíamos dizer diabólica, se consideramos que o húngaro é a “única língua do mundo que, segundo as más línguas, o diabo respeita”)¹ sobre o escritor e seu duplo, sobre fama e anonimato, sobre identidade e impostura, sobre quem-é-quem e ninguém.

Um autor anônimo de textos sob encomenda, de nome José Costa, resguardado sob rigorosa “confidenciabilidade” ponto de honra da firma Cunha & Costa Agência Cultural, transita das monografias escolares, cartas de amor e artigos de jornal para discursos políticos e autobiografias romanceadas, culminando no *best-seller* involuntário e na alta literatura. A versátil picaretagem, sob a rubrica dos serviços “diferenciados” oferecidos pelo escritório em Copacabana, mistura-se, na trama, com o seu enfeitamento pela língua húngara, quando de uma escala forçada do avião em que viaja, pela Lufthansa, em Budapeste. A língua ininteligível, toda feita de um fluxo de nomes anônimos, em que “destacar uma palavra da outra seria como pretender cortar um rio à faca”, língua quase-música e sem emendas, “não constituída de palavras”, língua sem castração, em suma, invade-lhe os sonhos e o toma como uma idéia fixa, levando-o a criar uma tresloucada vida paralela em Budapeste, para onde retornará três vezes, num pingue-pongue cada vez mais

acirrado com a sua cidade de origem, o Rio de Janeiro. Casado aqui com uma apresentadora de telejornais, envolve-se lá com uma professora de húngaro, tomado pela obsessão de dominar a língua às últimas conseqüências, até eliminar todo vestígio de *estrangeiridade*. O que o leva, na verdade, a um mergulho sem volta numa atmosfera de estranhamento permanente em que o convívio com as palavras resultará, insólita e hilariantemente, em poesia².

No entanto, esse esqueleto narrativo diz muito pouco, da textura ao mesmo tempo cômica e poética do livro, sustentada em tom sóbrio e marcada ponto a ponto por aquela agudeza estonteante de observação que já conhecemos de *Estorvo* e *Benjamin*. Detalhes compartilhados, cotidiana e automaticamente, por nós, de tópicos de telejornal a uma cesta marajoara onde se jogam revistas, dos entornos do quiosque de coco em Ipanema a “expertises” que renovam o jargão dos negócios, de uma gíria de geração ao território cintilante do *free shop*, “pátria de algarismos, ícones e logomarcas” (que atravessa tudo, do Rio a Budapeste), saltam à vista, de repente, como índices palpitan-tes, ao mesmo tempo equívocos e precisos, do imaginário das massas, do mercado global e da singularidade perturbadora de cada coisa.

É nesse chão que vemos desenhar-se a carreira secreta

do escritor anônimo, profissional-serviçal da imagem alheia, sombra *in progress* atuando no mercado paralelo de autobiografias e tomado pela volúpia da obscuridade. “José Costa é gênio”, alardeia seu sócio, pragmático e factivo. Zé Ninguém e gênio pelas costas, saboreia o sucesso dos seus textos publicados sob o nome de outrem com o prazer e o ciúme avesso de se sentir a um só tempo *autor* e *outro*, excluído e intrusivo, não bafejado pela fama mas como que privilegiado pelo dom de uma ciência oculta.

Porque, apesar de tudo, José Costa não está só: reunidos em congresso internacional por três vezes, em Melbourne, Istambul e finalmente em Budapeste, escritores anônimos do mundo todo discutem reservadamente os problemas da categoria, aclamam entre si os próprios trunfos invisíveis ao grande público, e sucumbem, por fim, às queixas, acusações recíprocas e aos desabafos do anonimato. No Rio, José Costa experimenta o sucesso camuflado do *best-seller* *O ginógrafo*, autobiografia forjada, sob encomenda, do empresário alemão Kaspar Krabbe, na qual inventa como protagonista um verdadeiro tarado das letras que escreve compulsivamente em partes do corpo nu das mulheres (provocando em cadeia, sobre estas, incontroláveis frenesis). Em Budapeste aproxima-se, como incógnito funcionário,

do Clube das Belas Letras, até que, de tanto transcrever as reuniões e apresentações dos literatos eméritos, domina irrepreensivelmente aquele idioma radicalmente estrangeiro em que cada palavra lida é uma estranha descoberta, e acaba por escrever — “puta que o pariu”³ — os *Tercetos secretos* em nome do celebrado poeta Kocsis Ferenc, cuja veia lírica se esgotara (embora continue provocando também nas mulheres, com seus velhos refrões encantatórios e repetitivos, incontáveis frenesis).

A imensa anedota, que *Budapeste* tem o mérito de não deixar de ser, passa a ser também uma reflexão sibilina sobre o papel da literatura e o papel do literato, sobre o descompasso gritante entre o fetiche do nome autorial e o enigma da língua anônima, sobre o comércio obscuro e o mercado negro entre o eu e o reino surdo e sonoro das palavras. Pois partindo da picaretagem estabelecida a literatura vicária reivindica — e ganha —, no romance, a dignidade, paródica, de um gênero literário: quem escreve é sempre um outro no lugar de um outro. Um vigarista se exhibe às custas do outro que escreve; um vigarista escreve pelo outro que se exhibe. Voltamos à anedota de Henry James, embora azeitada aqui por uma dialética escorregadiamente brasileira, se é que é preciso dizê-lo.

Mas o livro não é uma mera sátira do narcisismo por tabela, posto em abismo, além da revanche, que é também, contra o pesadelo da celebridade compulsória. Nele se cria uma cidade arquitetada com matéria de sonho e de realidade, uma Budapeste que nasce do magma sonoro e significante da língua, um contraponto ao Rio de Janeiro, seu avesso ao mesmo tempo familiar e estranho (“sinistro”, diria Freud; “mortífero”, diria Pisti, o jovem filho de Kriska, a encantadora professora de húngaro).

Budapeste faz lembrar “Lejana”, conto de Julio Cortázar em que se intui também a capital da Hungria como a cidade dúplice, mesma e outra, formada pelas cidades siamesas, Buda e Pest, divididas pelo Danúbio em ípsilon, unidas pela ponte sobre a qual uma mulher da burguesia argentina se encontra, se abraça e se perde na mendiga húngara que é seu avesso e ela mesma.

Em Budapeste José Costa, afinal Zsoze Kosta, reencontra, num espelho a contrapelo, todos os temas de sua vida: no Rio, Vanda, a telejornalista em ascensão, em Budapeste, Kriska, aura e corpo de palavras nunca inteiramente reveladas; aqui e lá dois rebeldes sem causa, Joaquinzinho, seu filho com Vanda, e Pisti, filho de Kriska — com um deles definitivamente não tem papo, com outro, talvez um; no Rio, a prosa d’*O ginógrafo*, em Budapeste, a poesia dos *Tercetos secretos*.

Uma cidade é a cifra secreta da outra, numa equação termo a termo em que a incógnita do romance, pode-se dizer, é o narrador, e em que a incógnita do narrador é a mulher. As duas formam uma só. Mais não se poderia dizer, e não só por uma questão de “confidenciabilidade”. É que há romances que, no exato momento em que terminam, transformam-se em nada. *Budapeste*, no exato momento em que termina, transforma-se em poesia. O romance esconde a versão oculta de si mesmo, e se so-letra todo, num *flash* extremo, como uma língua-música, que se desse de uma vez, por inteiro.

1 “[...] contam que Carlos v, que desde muito menino teve de estudar uma porção de idiomas, por quantas terras e povos em que reinar, costumava dizer que: o espanhol era para se falar com os reis, o italiano com a mulher amada, o francês com o amigo, o holandês com serviçais, o alemão com os soldados, o latim com Deus, o húngaro...com o diabo”. ROSA, João Guimarães. “Pequena palavra”. In: *Antologia do conto húngaro* (trad. e org. de Paulo Rónai), 3ª ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1975, p. xviii.

Já foi observado que o protagonista de *Budapeste* percorre curiosamente, em sentido contrário, a trajetória de Paulo Rónai, que se tornou, já na Hungria, um conhecedor profundo do português, antes de radicar-se no Brasil.

2 “Disse que o húngaro, por seu rico registro de vogais — que a caracterizam imediatamente — e da prevalência das claras sobre as surdas, dá-se como uma das línguas mais sonoras, musicais, em seu vozeio. Sonorosa, se bem que de ritmo fundamental muito enérgico, nela as seqüências de inflexões naturalmente modulam e fácil melodiam. De si concretizante, figurativa, imagista, encerra copiosa quantidade de onomatopéias. Sua gramática, parca, põe garra mais curta que a da emoção. Suas palavras nem sempre se fecham na racional fixidez conceitual explícita, na rigidez denotativa, antes guardam sob o significado uma ativa carga potencial, rudimentar, com o que, nos diversos momentos, inteiram-se mais variadamente de sentido, e, segundo as soluções rítmicas, se reembebem de um halo vivaz. Será, se dizer posso, uma língua menos ‘da lei’ que ‘da graça’; uma língua para homens objetivos, ou para poetas. / Nem não é tudo. Também, e o quanto ninguém imagina, é uma língua *in opere*, fabulosamente em movimento, fabril, incoagulável, velozmente evolutiva, toda possibilidades, como se estivesse sempre em estado nascente, apta uvante [...], revoltosa”. ROSA, João Guimarães. Op.cit. Note-se que Rosa atribui, aqui, ao húngaro, a mesma propriedade que atribui ao português do Brasil, na famosa entrevista a Günter Lorenz: uma língua “em estado nascente”.

3 Cf. *Budapeste*, p. [...] e [...].

Zsoze Mikhail